

O MORIBUNDO E A MORTE EM *AS INTERMITÊNCIAS DA MORTE*, DE JOSÉ SARAMAGO

Diana Milena HECK¹

Resumo: A ideia e o pensamento sobre a morte sempre foi e continuará sendo alvo de mudanças. O tema já foi entendido como um assunto inofensivo para a sociedade ocidental, ou seja, pensar na morte, lidar com a mesma e até o fato de saber que irá morrer não foi motivo para temor. Ao contrário dessa ideia passada, hoje a morte é tida como um tema tabu no ocidente. Pensar, lidar, estar perto e refletir sobre a própria morte se tornou algo inconcebível nas relações humanas. Se em algum tempo filósofos, como Sêneca, já falaram que a vida é um aprender a morrer, hoje a ideia é outra: viver para não morrer ou viver sem pensar na morte. Essa ideia institucionalizada hoje, no Ocidente, salvo algumas culturas, como a mexicana, que se comportam de uma maneira diferente em relação ao fenômeno, afeta diretamente as relações humanas, principalmente dos que estão saudáveis com os chamados moribundos, sujeitos que já estão em um processo de morte. Após olhar para a morte como algo constantemente mutável, pretende-se, neste trabalho, refletir sobre o atual pensamento em relação ao assunto e o tratamento dado ao moribundo, reflexo dessa ideia.

Palavras-chave: Moribundo. Morte. José Saramago.

Introdução

O romance, *As Intermittências da Morte*, publicado em 2005, leva o leitor a refletir sobre a maior certeza da vida humana: a de que um dia irá morrer, porém, ao invés de Saramago tentar convencer seu leitor sobre a importância da morte para o universo, leva-o a conhecer a verdadeira faceta de um mundo onde não existe a morte, ou melhor, onde a morte não mata.

Um dos maiores desejos, desde que o ser humano está no mundo é o da imortalidade, principalmente no Ocidente, onde prevalece uma cultura de que a morte é sinônimo de tristeza, medo, sofrimento, entre outros tantos sentimentos ruins. Visão essa que nem sempre foi assim. A morte, outrora, já foi considerada menos ofensiva para a humanidade. Com o passar dos séculos, com a mudança do mundo, os hábitos, crenças e costumes em relação à morte também se modificaram, chegando ao que somos hoje, diante da mesma.

¹ Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras - Área de concentração: Linguagem e Sociedade – Nível Doutorado. Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Marechal Cândido Rondon, Paraná, Brasil, diana.heck@hotmail.com.

Philippe Ariès, aborda toda a mudança histórica e cultural da morte e salienta que

em um mundo sujeito à mudança, a atitude tradicional diante da morte aparece como uma massa de inércia e continuidade. A antiga atitude segundo a qual a morte é ao mesmo tempo familiar e próxima, por um lado, e atenuada e indiferente, por outro, opõe-se acentuadamente à nossa, segundo a qual a morte amedronta a ponto de não mais ousarmos dizer seu nome (2003, p. 35-36).

Deste modo, nos deparamos com uma situação, que hoje é vista como um tema tabu, que nem sempre foi motivo de tanto terror. Filósofos, como Sêneca, por exemplo, defendiam a ideia de que viver é aprender a morrer, que estamos de passagem pela vida como forma de aprendizado para algo maior, que é a morte, mas essa ideia, tão bela na filosofia foi sendo esquecida com o passar do tempo e hoje a ideia seria a contrária: viver para aprender a não pensar na morte ou, evitá-la o máximo possível.

Relacionando a ideia acima com a proposta de Saramago, em seu romance, percebemos que o autor lança uma reflexão sobre o pensamento Ocidental em relação ao tema da morte, pois a proposta que ele traz é a de, justamente, ver o mundo sem a presença da morte e como isso, no caso específico da figura do moribundo – pacientes terminais, idosos, pessoas com qualquer impossibilidade de viver plenamente e de forma independente – influencia no ciclo da vida, nas relações humanas, sociais, econômicas e culturais de uma determinada sociedade.

Sendo assim, se desenvolverá, ao longo do trabalho, uma reflexão a respeito do pensamento ocidental diante da morte e como a atual concepção do tema influencia no tratamento do sujeito moribundo, já em estágio de morte, especificamente na obra *As Intermitências da Morte*, de José Saramago.

O moribundo e a morte

No romance, tem-se, além da percepção de que a morte possui uma representação, não só enquanto fenômeno, mas também como personagem. A partir disto, pode-se analisar a composição do enredo e a maneira como José Saramago vai delineando a imagem da morte sob, basicamente, dois pontos de vista: a ausência da mesma e, depois dessa falta, a vida com essa presença que se mostra ao mesmo tempo tão aterrorizante e necessária, fazendo-se, assim, instrumento de manutenção do equilíbrio do mundo.

A ausência da morte gera a representação de um tipo de sujeito no romance, que é a do moribundo. Essas personagens foram descritas por Saramago de maneira a chamar a atenção para situações que se assemelham a algumas vividas no mundo real, mesmo sendo descritas de maneira ficcional e fantástica. Para retratar o moribundo, primeiro Saramago mostra a decadência das empresas em virtude da falta da morte. A maior preocupação é manter os bens materiais e a lucratividade das empresas. Só depois o moribundo passa a ser motivo de inquietação por parte dos familiares e autoridades. Entretanto, Saramago mostra que não há uma angústia em amenizar o sofrimento dos moribundos, mas sim uma ansiedade em se livrar dos mesmos.

Para retratar esse ponto de vista, Saramago abusa da ironia, chamando a atenção para as críticas que deseja salientar no romance. As principais são dirigidas à igreja e ao modo como as relações entre os seres humanos do romance são extremamente capitalistas, algo que Saramago sempre viu com pessimismo. A narrativa é permeada por um humor ácido, em que o que se lê não provoca gargalhadas, mas convida o leitor a pensar se o ser humano e a maneira como lida com os demais não parece uma espécie de piada de mau gosto, de tão degradada que está. Sobre essa visão pessimista do mundo, Saramago diz:

Eu não vejo, sinceramente não vejo, e gostaria de ver para minha tranquilidade, nenhum motivo para ser otimista não só perante a história da nossa espécie, como diante do espetáculo de um mundo que é capaz, porque tem meios para isso, de resolver uma quantidade de problemas, desde a fome até à educação ou à falta dela, e que não o faz. E não o faz por quê? Porque aquilo que conta é o lucro (SARAMAGO *apud* AGUILERA, 2010, p.140-141).

E é através da ironia que Saramago procura mostrar o que o bom senso indicaria como desenvolvimento lógico da sociedade a partir da ausência da morte, ou seja, sem ela, inevitavelmente haveria problemas socioeconômicos decorrentes do surgimento de uma população improdutiva economicamente, carente de saúde, de estrutura urbana e mesmo de estrutura psicológica. Além disso, sem a morte, não haveria condição de o mundo suportar um número tão grande de pessoas – de modo que seria necessária, talvez, uma política intensiva de controle de natalidade. Outra consequência lógica é que as instituições cujo lucro advém do fato de as pessoas morrerem deveriam, como já mencionamos anteriormente, simplesmente deixar de existir.

Tais exemplos de comportamentos diretamente esperados para uma situação como o fim da morte, entretanto, não são os realmente adotados no país focado na obra. Pelo contrário, o governo e as instituições buscam a todo custo manter as coisas como estão, com o mínimo de alterações possível, para que a estrutura em si daquela sociedade não se altere.

Outro exemplo do uso da ironia pode ser percebido quando Saramago mostra que até a igreja estava assombrada pela greve da Morte, alegando que “[...]sem morte não há ressurreição, e sem ressurreição não há igreja [...]” (SARAMAGO, 2009, p.18). No decorrer de todo o romance o autor marca seu discurso ideológico, utilizando tanto a ironia, como acabamos de mencionas, quanto diversos outros recursos estilísticos.

Outro elemento da obra que podemos relacionar à estrutura socioeconômica do capitalismo é a chamada *máphia*, que transforma os moribundos em mercadoria, de modo a mostrar como as relações humanas se tornaram promíscuas, a ponto de fazer com que um sujeito se transforme em um objeto mercadológico, subtraindo o caráter humano do moribundo e transformando-o em puro objeto que precisa ser comercializado. Diante do que propôs a *máphia*, o chefe do governo chegou à conclusão de “[...] que nos encontramos perante um claríssimo exemplo de oferta e procura [...]” (SARAMAGO, 2009, p. 56), explorando a relação do ser humano, moribundo, com a economia de mercado, que precisava reagir de algum modo diante da greve da Morte.

Partindo para uma relação entre a teoria zizekiana e a questão levantada no romance analisado, pode-se estabelecer um paralelo entre uma afirmação que Dostoiévski propõe e Žižek retoma: “se Deus² não existe tudo é permitido” (ŽIŽEK, 2010, p. 118), e o questionamento que Saramago aborda no romance: “se os seres humanos não morressem tudo passaria a ser permitido [...]” (SARAMAGO, 2009, p.36).

De certo modo, somente mudando o objeto de poder, deus/morte, ambos estabelecem o mesmo questionamento. Se tanto Deus como a morte não existissem, realmente tudo seria permitido? Žižek, ao analisar a afirmação de Dostoiévski, discorda do mesmo, dizendo que, na verdade, o certo seria dizer “se Deus não existe, tudo é proibido”, pois “quanto mais você se percebe como um ateu, mais seu inconsciente é dominado por proibições que sabotam seu gozo” (ŽIŽEK, 2010, p.114).

² Mantivemos a grafia do autor.

O que Žižek tenta explicar é que, sem Deus, a psique do indivíduo fica submetida a pressões do Supereu, que podem fazer com que tal indivíduo deixe de concretizar muitas de suas escolhas, uma vez que, errando, não haveria ninguém que o perdoasse e o livrasse de sua culpa. Deus oferece mais liberdade para atitudes proibidas e obscenas, pois há, com sua existência, o perdão desses atos ou impedimento para o sujeito de realizá-los. Deus funcionaria como o Big Other, que possui a responsabilidade sobre os atos do sujeito, fazendo com que o mesmo não seja culpado por uma atitude ilícita.

É o Big Other quem vigia e atua nas decisões desse indivíduo e sempre vai operar no nível do Simbólico, ou seja, no nível em que conseguimos permanecer vivos e que interagimos com outros indivíduos. Em tal nível, para que o sujeito consiga viver em sociedade, deve ser consciente e obedecer a algumas regras. Segundo Žižek,

[...] há regras (e significados) que sigo cegamente, por hábito, mas das quais, se reflito, posso me tornar ao menos parcialmente consciente (como as regras gramaticais comuns); e há regras que ignoro que sigo, significados que ignoro que me perseguem (como as proibições inconscientes). E há regras e significados cujo conhecimento não devo revelar que tenho [...] (2010, p. 17).

Sendo assim, o plano simbólico funciona como um modelo de comparação no qual o sujeito pode se medir de acordo com as regras que obedece ou não. O Grande Outro funciona como um regulador das atitudes dos seres humanos. Seria como Deus para os crentes, que acreditam que Ele vigia cada passo do indivíduo e sabe, quando o sujeito morre, quais foram seus pecados e suas virtudes praticadas na Terra. O fato de saber que alguém, ou alguma instância superior pode controlar cada passo de sua conduta gera precaução em relação aos fatos, ou seja, o indivíduo só vai agir de acordo com as regras estabelecidas, caso contrário, ele sabe que o Big Other viu que ele fez algo errado.

Outra situação envolvendo o Big Other ocorre quando o sujeito finge não saber de algum acontecimento. Por exemplo, um indivíduo sabe de alguma história sobre seu amigo, porém finge que não sabe. Se, durante uma conversa, esse indivíduo deixa escapar que sabe de algo, acaba gerando um mal-estar. Isso ocorre porque, no momento em que isso acontece, o Big Other é informado da história. Quando ocorre o contrário, contamos uma história nossa a outras pessoas, não estamos fazendo para que os outros saibam do fato, mas também para informar o Big Other.

Voltando ao romance, também podemos considerar um questionamento trazido por Saramago. Sem a morte, como o próprio autor descreve, nada mais é permitido. Com a suspensão da morte, o país entra em verdadeira desordem. As pessoas perdem o rumo, não sabendo mais que atitudes tomar, o que deveria ser fácil, já que adquiriram a tão sonhada imortalidade. Ao invés de sentirem-se agraciadas com tempo eterno disponível para fazer tudo que tivessem vontade, ficam presas às consequências causadas pela greve da Morte. Por fim, a população descobre que, sem a morte, a maior “liberdade” de todas lhes é privada: o direito de morrer, o direito ao término dos sofrimentos causados pela velhice, pela doença, pela agonia.

Diante dessa tomada de consciência que a população adquire com a experiência de, mesmo que por curto tempo, viver a eternidade como algo que não seria tão bom como se sonhava, a Morte se pronuncia e justifica sua existência, mostrando aos seres humanos que ser eterno não era sinônimo de liberdade total, mas de aprisionamento. A Morte assim disse:

[...] devo explicar que a intenção que me levou a interromper a minha atividade, a parar de matar, a embainhar a emblemática gadanha que imaginativos pintores e seres humanos que tanto me detestam uma pequena amostra do que para eles seria viver sempre, isto é, eternamente [...] (SARAMAGO, 2009, p.99).

Assim como a igreja, os hospitais, as funerárias, as seguradoras de vida se viam em situação de falência, mas, por outro lado, o homem, representado como aquele que quer lucrar, na alegria e na tristeza, consegue arrumar uma maneira de criar saídas para criar novas fontes de lucro no país com a ausência da morte, como foi o caso da fundação dos lares do feliz acaso e, posteriormente, da máfia, que seria a empresa responsável pelo transporte dos moribundos até a fronteira.

O que chama a atenção na narrativa e causa certo estranhamento diante dos comportamentos descritos por Saramago é a situação na qual se encontram as pessoas que já estavam em uma difícil condição de vida (moribundos) e que, a partir da greve da Morte, tiveram o “direito” a morte suspenso. Esse direito, posto entre aspas, pode ser interpretado de maneiras diferentes, visto que o que parece ser uma vitória para uns, pode ser terrível para outros. Porém, o autor não menciona os sentimentos desses moribundos ao longo da narrativa, para que o leitor possa ter noção se estes queriam ou não morrer.

Não somente personagens idosos se encontram em estado de moribundos no romance, mas também há o relato de uma criança, de poucos meses de vida. Quando se ouve que uma pessoa idosa morreu, ainda mais quando já estava em situação de vida delicada, o senso comum diz que essa pessoa já aproveitou a vida, mas quando se trata de alguém mais jovem, especialmente de uma criança, não se espera a morte, mas uma possível cura, para que ela possa desfrutar da vida até a velhice. Por esse motivo, o direito a morte se torna muito relativo, pensando que talvez a criança pudesse ter o direito a saúde para continuar vivendo, e não morrer para aliviar o sofrimento de suas doenças.

A condição dessas pessoas, as quais se mantinham ligadas à vida apenas por uma linha extremamente tênue, pode ser entendida como um estado de morte, mas não biológica. Para explicar melhor como se dá esse processo, vem ao caso lembrar as fases da morte no romance.

A primeira fase da Morte é quando esta anuncia sua greve e, a partir do dia 1º de janeiro, ninguém mais morre no país. A segunda fase é a da Morte voltando a atuar, distribuindo as cartas de cor violeta aos humanos que iriam morrer em um prazo de tempo delimitado pela mesma. Por fim, a terceira parte do livro vai desde o envio da carta ao violoncelista – e seu estranho retorno – até a completa humanização da Morte, e instituição de uma nova greve, evitando a morte do violoncelista.

Apenas a partir da observação das faces assumidas pela morte no decorrer do romance, é que se pode pensar nas consequências desses três “momentos” na condição humana, tanto no aspecto social, econômico e estrutural (falta de condições para o atendimento médico; carência de espaço, a partir do fato de que o volume populacional aumentaria muito, etc.) alterados pela inexistência da morte, quanto na condição das relações humanas, levando em consideração o tratamento que será dado aos moribundos enquanto a Morte está em greve.

Depois de anunciada a greve, Saramago não descreve como passa a ser a situação das pessoas que já se encontravam em situação de moribundos. Só há algumas passagens em que o autor descreve o momento da greve e a interrupção do processo de morte, pelo qual alguns moribundos já passavam ou estavam prestes a passar, como ocorreu com o senhor do trecho abaixo:

[...] Estava justamente a dar meia-noite, disse ele, quando o meu avô, que parecia mesmo a ponto de finar-se, abriu de repente os olhos antes que

soasse a última badalada no relógio da torre, como se se tivesse arrependido do passo que ia dar, e não morreu (SARAMAGO, 2009, p.14).

A reação das famílias e de toda a população daquele país foi de intensa alegria, pois é interrompido, no ato da greve, o momento traumático da morte, trauma esse que posteriormente imaginaram que, no futuro, não seria mais motivo de perturbação. Um exemplo da situação de contentamento por parte da população, logo após ser declarada a ausência da morte, é a anunciação de que “o maior sonho da humanidade desde o princípio dos tempos, isto é, o gozo feliz de uma vida eterna cá na terra, se havia tornado em um bem para todos [...]” (SARAMAGO, 2009, p.15) e que este “bem” havia atingido, felizmente, como pensavam, aquele país em que ninguém mais se preocuparia em zelar pela sua vida e de seus próximos, pois a morte não conseguiria levá-los mais. Logo que esse engano é desfeito, instala-se o caos de falências, agonias infindáveis, e a necessidade crescente de cuidar dos moribundos e alojá-los de uma maneira que não parecesse um depósito de moribundos à espera da morte para a realização da limpeza do ambiente.

Diante da (in)felicidade da eternidade, o país se encontra preocupado e perturbado com a ideia aterradora da não morte e com os problemas pelos quais já estavam passando, como o destino dos moribundos, como consequência de um ato que, a princípio, soou tão maravilhoso.

Slavoj Žižek (2010), elucida, por meio de um conto de Dostoiévski, intitulado *Bobók*, uma situação de morte que pode ajudar a explicar o que Saramago descreveu a partir da greve da Morte, em que as pessoas que deveriam morrer, ou que já se encontravam em algum estágio da morte, simplesmente tiveram esse direito suspenso.

O conto de Dostoiévski é sobre um literato alcoólatra, Ivan Ivánitch, que começa a escutar vozes que dizem: *bobók*. Atordoado com essas vozes, Ivan sai para se distrair e acaba no cemitério. Ali começa a ouvir a conversa dos mortos, descobrindo que após a morte, a consciência dos mortos permanece viva, até a total decomposição do corpo. Um dos personagens do conto explica como acontece o processo, que será entendido por Žižek como uma passagem que envolve duas mortes.

[...] lá em cima, quando ainda estávamos vivos, julgávamos erroneamente a morte como morte. É como se o corpo se reanimasse, os restos de vida se concentram, mas apenas na consciência... Isso não tenho como lhe expressar – é a vida que continua como que por inércia. Tudo concentrado, segundo

ele, em algum ponto da consciência, e ainda dura de dois a três meses...às vezes até meio ano... Há, por exemplo, um fulano que aqui quase já se decompôs inteiramente, mas faz seis semanas que de vez em quando ainda balbucia de repente uma palavrinha, claro que sem sentido, sobre um tal *bobók*: “*Bobók, bobók*”; logo, até nele ainda persiste uma centelha invisível de vida (DOSTOIËVSKI, 2012, p. 34).

Também há um exemplo parecido em *O ano da morte de Ricardo Reis* (1984), em que Fernando Pessoa, já morto, aparece para Ricardo Reis. Não entendendo como era possível Pessoa aparecer para Reis, então o primeiro lhe explica. Segue o diálogo entre o poeta e seu heterônimo:

[...] Fernando Pessoa quem primeiro fala, Soube que me foi visitar, eu não estava, mas disseram-me quando cheguei, e Ricardo Reis respondeu assim, Pensei que estivesse, pensei que nunca de lá saísse, Por enquanto saio, ainda tenho uns oito meses para circular à vontade, explicou Fernando Pessoa, Oito meses porquê, perguntou Ricardo Reis, e Fernando Pessoa esclareceu a informação, Contas certas, no geral e em média, são nove meses, tantos quantos os que andávamos na barriga de nossas mães, acho que é por uma questão de equilíbrio, antes de nascermos ainda não nos podem ver mas todos os dias pensam em nós, depois de morrermos deixam de poder ver-nos e todos os dias nos vão esquecendo um pouco, salvo casos excepcionais nove meses é quanto basta para o total olvido [...] (SARAMAGO, 2001, p. 87).

Segundo Mikhail Bakhtin (2012)³, “cria-se, com isso, uma situação excepcional: a última vida da consciência (dois ou três meses até o sono completo), [em *Bobók*] liberta de todas as condições, situações, obrigações e leis da vida comum é, por assim dizer, uma *vida fora da vida*” (BAKHTIN in DOSTOIËVSKI, 2012, p. 73). No caso do romance citado acima, percebe-se que o tempo que demora para que o indivíduo, no caso Fernando Pessoa, tenha sua segunda morte completa é de nove meses. A personagem Pessoa ainda compara o tempo até sua morte biológica com o tempo que leva uma gestação e, em ambos os casos, os demais indivíduos não podem ver essa pessoa, mas, somente imaginar como seria ou, após a morte, mantê-lo na lembrança, embora, no romance, Pessoa consiga se fazer visível pelo período até sua morte completa e é assim que estabelece diálogo com seu heterônimo, Ricardo Reis.

³ O texto, *Sobre Bobók*, foi extraído de *Problemas da poética de Dostoiévski*, tradução de Paulo Bezerra, Rio de Janeiro, Forense Universitária/GEN, 2010, 5 edição revista, pp. 157-69 e está inserido no livro *Bobók*, traduzido, também, por Paulo Bezerra.

Žižek, que utiliza o conceito de carnavalização⁴ de Bakhtin, explica o que ocorre no período entre uma morte e outra em que “no carnavalesco mundo da vida “entre duas mortes”, todas as regras e responsabilidades estão suspensas, os mortos-vivos podem pôr de lado qualquer vergonha, agir de maneira insana e rir da honestidade e da justiça (ŽIŽEK, 2010, p.120). Esses mortos/vivos acreditavam que esse estágio seria o momento em que estariam livres de qualquer regulação social, à vontade para falar sobre seus desejos e histórias mais obscenas. Passado esse tempo de três meses, relacionado com a total decomposição do corpo, ocorre a morte completa. Sendo assim, eles passam pela morte social, pois desaparecem do contato dos vivos, e, após três meses, morrem biologicamente e, principalmente, a morte da consciência, que permitia o diálogo entre os defuntos, após a morte social.

Relacionando esse conceito com o romance de Saramago, pode-se dizer que a situação da primeira morte se caracteriza pelo estado de vida/morte suspensa em que os moribundos se achavam, após ser anunciada a greve da morte, pois se não fosse essa interrupção da ordem natural das coisas, todas essas pessoas teriam morrido. As pessoas que estavam prestes a morrer, mas que não o concretizaram isso em decorrência da greve da morte, permaneceram em estado de primeira morte.

Após o agravamento dos problemas que essa pausa da morte causou, não só o número de moribundos aumentava, mas também os problemas de toda ordem, bem como a preocupação dos que não estavam nessa situação em tentar arrumar uma maneira de se livrar do que parecia um acúmulo de peso. Até a rainha-mãe, que também se encontrava nesta situação, não foi poupada de ter, mais do que nunca, sua morte desejada:

Perguntarei a sua majestade que prefere, se ver a rainha-mãe para sempre agonizante, prostrada num leito de que não voltará a levantar-se, com o imundo corpo a reter-lhe indignamente a alma, ou vê-la, por morrer, triunfadora da morte, na glória eterna e resplandecente dos céus (SARAMAGO, 2009, p.19).

⁴ Bakhtin assim define o conceito de carnavalização: “o carnaval criou toda uma linguagem de formas concreto-sensoriais simbólicas, entre grandes e complexas ações de massas e gestos carnavalescos. Essa linguagem exprime de maneira diversificada e, pode-se dizer, bem articulada (como toda linguagem) uma cosmovisão carnavalesca uma (porém complexa), que lhe penetra todas as formas. Tal linguagem não pode ser traduzida com o menor grau de plenitude e adequação para a linguagem verbal, especialmente para a linguagem dos conceitos abstratos, no entanto é suscetível de certa transposição para a linguagem cognata, por caráter concretamente sensorial, das imagens artísticas, ou seja, para a linguagem da literatura. É a essa transposição do carnaval para a linguagem da literatura que chamamos *carnavalização da literatura*” (BAKHTIN, p. 122, 2002).

O trecho acima se refere a uma conversa entre o primeiro-ministro e a eminência, cardeal da igreja. A intenção do padre, ao fazer essa pergunta à rainha-mãe, não seria senão uma maneira de fazer com que o restante da população moribunda, que ainda conseguisse falar ou decidir sobre sua morte, se sentisse influenciada pela resposta da rainha, que para o cardeal seria certamente positiva, aceitando com maior facilidade que deveriam morrer. O cardeal ainda conclui que quando é possível gerenciar o que está no alto, ou seja, no governo, se torna mais fácil administrar o que está abaixo, que seria o restante da população.

A segunda morte ocorreria, conseqüentemente, quando a Morte resolve suspender sua greve e voltar a atuar, ainda que com algumas exigências. A segunda morte indica a morte biológica, ou seja, a que o homem enxerga como verdadeira morte, pois, se pensarmos que na primeira morte, chegaremos a conclusão de que, mesmo ainda biologicamente vivos, essas pessoas não estavam mais em pleno gozo da vida, já que a situação de moribundos só permitia que estes vegetassem, sem poder realizar nenhuma atividade humanamente natural. Depois de a Morte anunciar sua volta à normalidade, certamente uma grande quantidade de pessoas que se encontravam nessa situação de primeira morte tiveram a segunda morte concretizada.

Para mostrar o que foram sete meses sem morte, Saramago assim descreve o que uma pequena greve causou naquele país em que “[...] tinham-se ido acumulando em uma nunca vista lista de espera mais de sessenta mil moribundos, exatamente sessenta e dois mil quinhentos e oitenta, postos de uma vez em paz por obra de um instante único [...]” (SARAMAGO, 2009, p.107).

Diante do que parecia uma catástrofe anunciada, uma tragédia - considerando o número de mortos que o país teve -, após a greve ser interrompida, o sentimento de toda a população não foi o mesmo que se vê quando se noticiam fatos em que muitas pessoas morrem. O que ocorreu foi que:

Não poucas garrafas de champanhe foram bebidas à meia-noite para festejar o já não esperado regresso á normalidade, o que, parecendo constituir o cúmulo da indiferença e do desprezo pela vida alheia, não era, afinal, senão o natural alívio, o legítimo desafogo de quem, posto perante uma porta fechada e tendo perdido a chave, a via agora aberta de par em par, escancarada, com sol do outro lado (SARAMAGO, 2009, p.115).

Isso mostra que, apesar de tantas pessoas terem morrido, a população do país sentiu as conseqüências de desejar a imortalidade e alguns indivíduos, os moribundos, tiveram um

tratamento e experiência de “vida” completamente diferente neste período entre as duas mortes (entre a morte social e a biológica).

Diante de tais fatos, entende-se que a relação com o moribundo, na fase em que a Morte está de greve, não foi de ser humano para ser humano, mas de ser humano para moribundo. Este sujeito, eu estava com o processo de morte suspenso, era visto e tratado como algo que não fosse humano, algo que precisava desaparecer do contato com os indivíduos saudáveis, pois a ideia imposta sobre a morte não era amigável, mas de terror, portanto, conviver com alguém em estágio de morte não era saudável, pois “feria” toda a ideia e pensamento sobre o fenômeno e fazia aquele ser humano saudável, automaticamente, pensar e conviver com algo que ele tinha medo, algo que foi denominado como uma espécie de “fobia” institucionalizada.

Considerações Finais

Neste trabalho pretendeu-se mostrar um pouco a mudança de concepção, histórica e cultural, sobre a morte no Ocidente – de uma ideia mais tranquila em relação ao fato, ou seja, a morte como um acontecimento natural do ser humano, aceita sem nenhum problema a ideia de morte como um tema tabu, excluída da vida humana, como se fosse um acontecimento inevitável – e a maneira como José Saramago aborda o fenômeno em seu romance, trabalhando com a ideia mais cogitada pelo ser humano, a da imortalidade, fazendo o leitor refletir como seria uma sociedade em que a morte não existisse mostrando, primeiramente, todo o lado bom da imortalidade, mas, em seguida, elencando as inúmeras dificuldades em se viver em um espaço onde não exista mais a morte.

Partindo das ideias elencadas pelos teóricos e pela obra de Saramago, considera-se que a morte gera uma espécie de negação do indivíduo vivo para com o morto e, mais além, faz com que o ser humano teoricamente saudável passe a ver o moribundo como já estando morto, portanto, tendo que ser mantido fora do campo de visão e contato do indivíduo vivo e saudável.

Essa relação de distanciamento provoca, não só no romance, mas também na vida real, um sentimento de desapego e descompromisso com seu semelhante, já que as pessoas entendem o moribundo como algo contagioso, que precisa ser mantido “guardado” em um

hospital ou longe de seus próximos até sua completa morte. Após a morte, cumprem-se todos os ritos funerários e religiosos, se há, para que a consciência do vivo esteja limpa, pois se entende que seu comportamento foi necessário, já que não faz bem ficar e conviver com alguém que está em processo de morte.

Essa ideia, trazida por Saramago, em seu romance, serve para que o ser humano reflita sobre sua condição de vida e a maneira como são estabelecidas as relações humanas e até que ponto são mantidas essas relações como puramente humanas, já que o moribundo, a partir do momento em que se torna um, não é mais visto como humano, mas sim, como algo que não pode ser caracterizado como vivo e nem como morto.

***THE MORIBUND AND THE DEATH IN DEATH WITH INTERRUPTIONS, BY
JOSÉ SARAMAGO***

Abstract: *Ideas and thoughts about death have always been and will continue to be subject to changes. That issue has been in the past understood as an innocuous subject in the eyes of the Western society; in other words, thinking about death, dealing with it and even knowing that death is unavoidable has been no reason to be afraid with. Nowadays, however, contrary to this last idea, today death is seen as a taboo subject in the West. Thinking, coping, stand by and reflect on death itself became something inconceivable in human relations. If at any time philosophers like Seneca, already spoke that life is a learning to die, today is another idea: to live not to die or live without thinking about death. This institutionalized idea today in the West, except for some crops, such as Mexican, which behave differently in relation to the phenomenon directly affects human relationships, especially those who are healthy with so-called dying, people who are in a death process. After looking at death as something constantly changing, it is intended, in this work, reflect on current thinking about death and the treatment of the dying, reflect that idea.*

Keywords: *Moribund. Death. José Saramago.*

Referências

AGUILERA, Fernando Gómez (Org.). **As Palavras de Saramago**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente**. Trad. Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Bobók**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2012.

SARAMAGO, José. **As Intermittências da Morte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____, José. **O ano da morte de Ricardo Reis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ŽIŽEK, Slavoj. **Como ler Lacan**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

Artigo recebido em abril de 2015.

Artigo aceito em maio de 2015.